

DIALOGISMO E POLIFONIA EM MIKHAIL BAKHTIN E O CÍRCULO (DEZ OBRAS FUNDAMENTAIS)

Beth Brait (DL)

Para Boris Schnaiderman (*In memoriam*)

Considerações necessárias

Mikhail Mikháilovitch Bakhtin (1895-1975) é um pensador russo reconhecido mundialmente por suas contribuições para os estudos da linguagem, quer artística ou não. De imediato, seu nome evoca alguns conceitos, categorias e/ou noções que, de diferentes maneiras, interferiram, e continuam interferindo nos estudos linguísticos, literários e nas Ciências Humanas em geral. Esse é o caso de *dialogismo*, *polifonia*, *interação*, *alteridade*, *carnavalização*, *signo ideológico*, *gêneros do discurso*, *arquitetônica*, *plurilinguismo*, *autoria*, *ato ético*, para mencionar apenas alguns dos mais referidos. Juntamente com outros que ganham sentido a partir de uma concepção de linguagem tecida em conexão direta com *sujeito*, *história*, *historiografia*, *sociedade*, *cultura*, *ética*, *estética*, *situação de produção*, *circulação* e *recepção*, esses conceitos não podem ser pensados exclusivamente a partir dos trabalhos assinados Mikhail Bakhtin, embora esses tenham um peso grande no chamado *pensamento bakhtiniano*.

Para compreender o que isso significa da perspectiva epistemológica, metodológica, teórica e também humana, histórica e contextual, é preciso considerar as especificidades das obras que constituem esse *pensamento*, que chegaram ao Ocidente de maneira não cronológica, e alguns aspectos relativos às origens dos pensadores que edificaram essas ideias em seu dia-a-dia profissional (a maioria lecionava para ganhar a vida e atuar na educação e na cultura do país), marcado pelo difícil cotidiano dos anos revolucionários. Desde 1918, na cidade de Niével, e de 1924 a 1929, nas cidades de Vítsebk (atualmente Bielo-rússia) e Leningrado, Bakhtin e outros intelectuais bastante próximos a ele, de consistente formação filosófica, literária, científica e/ou artística, participaram de um esforço para construir uma sólida e diferenciada posição diante da linguagem e da vida, dialogando polêmica e produtivamente com a linguística, o formalismo, a psicologia, a filosofia, o marxismo *ortodoxo*.

No hoje denominado *Círculo*, incluem-se, além de Mikhail Bakhtin, Valentin N. Volochínov (1895- 1936), Pável N. Medviédev (1891-1938), Matvei I. Kagan (1889-1937), Liev. V. Pumpiánski (1891-1940), Ivan I. Sollertínski (1902-1944), Maria Iúdina

(1899-1970); K. Vágüinov (1899-1934), Borís Zubákin (1894-1937), I. Kanaev (1893-1983). Os trabalhos de três deles, Bakhtin, Volochínov e Medviédev, se interligam, dialogam entre si, desenhando uma concepção de linguagem, assim como as possibilidades de seu enfrentamento a partir da busca de um método sociológico singular e/ou de uma poética da prosa, de maneira a construir conhecimento linguístico, literário, filosófico, sinalizando as fronteiras que permeiam *existência e cultura, ideologia do cotidiano e ideologia sistematizada, vivência e ciência, vida e arte*, elegendo o *diálogo* (ideias e pontos de vista entre ao menos duas consciências em tensão) como sustentáculo dessa perspectiva. Nesse sentido, qualquer um dos textos por eles produzidos, quer trate da linguagem artística ou cotidiana, oferece caminhos para uma teoria do discurso, pertinente nas humanidades em geral.

O conjunto da obra desses pensadores implica, ainda hoje, uma questão de *autoria*, como conceito teórico integrado às reflexões e, também, como assinatura. Num determinado momento da recepção de seus trabalhos, e por questões diversas, a única assinatura reconhecida era a de Bakhtin, tendo os outros dois sido considerados *nomes emprestados* por discípulos, *pseudônimos*, *heterônimos*. Em momento mais recente, a radicalização se deu pelo oposto: nenhum trabalho seria de Bakhtin, mas de Volochínov e Medviédev. A reiterada leitura das obras, no original russo ou em suas traduções e retraduações para o francês, o inglês, o espanhol, o italiano, o português, independentemente da assinatura ou assinaturas colocadas na publicação, foi demonstrando, ao longo dos noventa e sete anos que nos separam do primeiro escrito conhecido (**Arte e responsabilidade**, 1919), que apesar dos evidentes propósitos comuns, da inegável proximidade epistemológica e/ou teórico-metodológica existente entre eles, há aspectos – o estilo de cada um, as escolhas e o tratamento dos objetos de estudo -, que singularizam as autorias. Mesmo que a questão não esteja inteiramente resolvida, o reconhecimento de semelhanças e diferenças em cada um dos trabalhos disputados, não por seus autores, mas pela recepção, vem sendo adotada há tempos por pesquisadores brasileiros, considerando-se que, no Brasil, o interesse pela perspectiva dialógica da linguagem, por eles construída, tem uma longa história, que remonta a década de 1970, e que alcança, hoje, os documentos oficiais de ensino.

À constatação de uma perspectiva dialogada e inovadora a respeito da linguagem, presente nos trabalhos que chegaram até aqui sob as três assinaturas, somam-se as pesquisas de especialistas que se voltam, há alguns anos, para universidades, bibliotecas e arquivos russos em busca de documentos pessoais e profissionais, esboços e originais

das obras, textos inéditos que auxiliem a compreensão das formas de produção, divulgação e recepção da *perspectiva dialógica da linguagem*, assim como da existência de seus criadores e do contexto em que viveram. Para mencionar unicamente pesquisas de estudiosos e tradutores brasileiros, destacam-se as fontes das (re)traduções brasileiras feitas por Paulo Bezerra, cujos originais foram preparados por Serguei Botcharov e Vadim Kójonov; a Universidade Estatal de Moscou (MGU), o Arquivo Estatal da Federação Russa (GARF), localizado em Moscou, a Filial de São Petersburgo do Arquivo da Academia Russa de Ciências (Sankt-Peterbúrgski Filial Arkhiva RAN) e o Instituto da História Comparada das Literaturas e Línguas do Ocidente e Oriente (ILIAZV - *Institút Sravnítelnoi Istórii literatúr i iazykov Západa e Vostóka*), fontes da pesquisadora Sheila Grillo para suas traduções e (re)traduções.

Considerado o panorama resumido até aqui, as obras indicadas a seguir terão como fonte as (re)traduções brasileiras, obedecendo, portanto, a assinatura e ou assinaturas aí estampada/s, com menções a traduções para outras línguas quando for necessário. A ordem das indicações procura espelhar o conhecimento que se tem atualmente do conjunto, reconhecendo fundamentos filosóficos, estéticos, literários, estilísticos e linguísticos que perpassam de maneira diferenciada os trabalhos, bem como a interligação maior ou menor existente entre eles. A ordem não é, necessariamente, uma sugestão a ser seguida. Cada leitor, de acordo com seus interesses, poderá tomar conhecimento da existência dos textos que sustentam o *pensamento bakhtiniano*, estabelecendo a ordem que responde às suas necessidades. A partir da leitura do conjunto, entretanto, o leitor não terá mais alibi para o fato de que o todo se revela *polifônico*, dadas as vozes autorais que aí se fazem ouvir, e, ao mesmo tempo, *dialógico*, na medida em que as autorias incluem *alteridades*, se *escutam* e, de certa forma, respondem e complementam umas às outras.

Textos de Mikhail M. Bakhtin

1. BAKHTIN, M. M. **Para uma filosofia do ato responsável**. Tradução aos cuidados de Valdemir Miotello e Carlos Alberto Faraco. São Carlos: Pedro e João Editores, 2010.

Esse texto é um dos mais difíceis do conjunto da obra do Círculo, considerando-se seu teor altamente filosófico e o diálogo polêmico estabelecido com várias correntes filosóficas. São apontamentos escritos por Bakhtin na década de 1920 e publicados pela primeira vez em 1986, quando trabalhos escritos em momentos posteriores já eram

conhecidos do público. O objetivo do estudo é construir uma *arquitetônica da existência*, uma filosofia moral, primeira, centrada na vida *como ela é*, na existência, no *acontecimento* como tal, no *evento*, no mundo vivido, no *ato ético e estético*, e não em sistematizações abstratas, segundo o autor, características da maioria das filosofias da época. Para tanto, o difícil e belo texto vai apresentando as relações que regem as oposições *vida e cultura, concreto e abstrato, unidade e unicidade, vida e arte, real e possível; singular e universal; repetível e irrepetível; lei e evento; eterno e instantâneo; indiferente e valorado* (não indiferente), constituídas sempre em *tensão*, no *limiar*, na *fronteira*. Não são dualidades simples ou fáceis de serem compreendidas, na medida em que, além de dialogarem polemicamente com várias tendências filosóficas, têm como meta esboçar uma *arquitetônica* filosófica diferenciada, voltada para a vida e não para a teoria, pautada pelo *ato responsável*, pela *unicidade responsável das ações*.

Se ao longo do trabalho a questão da linguagem está ausente, o que provoca estranhamento no leitor que já conhece obras de Bakhtin voltadas para a linguagem do romance, da prosa literária, dos escritos de Dostoiévski e de Rabelais, a última parte, uma forma de concretização dessa *arquitetônica da existência*, dessa filosofia do ato responsável, é dedicada à análise do poema “Separação/Razluka”, de Pushkin, escrito em novembro de 1830 e publicado postumamente em 1841, no almanaque *Utrenyaya Zarya*, e que será retomado no trabalho seguinte, intitulado **O autor e o herói [a personagem] na atividade estética** (1920-1923). Para construir a *arquitetônica da vida*, Bakhtin elege a arte, a visão estética que, segundo ele, apesar de fazer parte da cultura, do mundo abstrato, está muito próxima da vida, do singular, devendo-se a singularidade especialmente à condição estética de expressar a “tonalidade emocional e volitiva do tempo-espaço artístico, organizado a partir de um centro emocional e volitivo humano”.

O esboço da *arquitetônica filosófica bakhtiniana* apresenta elementos epistemológicos que ajudam a compreender suas obras posteriores, a postura ética e estética que aí se apresenta, assim como os conceitos centrais que regem a perspectiva dialógica da vida e da linguagem, e, de forma muito especial, o conceito *guarda-chuva* conhecido como *dialogismo*. Existe uma relação fundante entre esse gesto filosófico inaugural de Bakhtin e suas demais obras, considerando-se o conjunto dos trabalhos e a insistência na dimensão do *irrepetível*, do *inconcluso*, do *tom valorativo*, dos *valores em constante tensão*, da constitutiva relação *eu/outro*, como se pode constatar no seguinte trecho: “A vida conhece dois centros de valores, diferentes por princípio, mas correlatos entre si: o eu e o outro, e em torno desses centros se distribuem e se dispõem todos os

momentos concretos do existir” (p. 142). Ao menos três outros trabalhos de Bakhtin se articulam diretamente a PFA, constituindo um “projeto filosófico” no qual a arte assume voz decisiva: **Arte e responsabilidade** (1919), **O problema do conteúdo do material e da forma na atividade estética** (1923-1924) e o **O autor e o herói [a personagem] na atividade estética** (1920-1923).

Reconhecendo que PFA é essencial à compreensão do pensamento bakhtiniano, em seus fundamentos filosóficos e estéticos, sugere-se o acompanhamento da leitura com textos de especialistas. Na edição brasileira há dois excelentes: a apresentação de Augusto Ponzio, “A concepção bakhtiniana do ato como dar um passo” (p.9-38) e “Um posfácio meio impertinente”, de Carlos Alberto Faraco. É possível recorrer a traduções, feitas diretamente do russo e acompanhadas de textos críticos: **Toward a Philosophy of the Act**. Transl. & Notes by Vadim Liapunov; Ed. by V. Liapunov & M. Holquist. Austin: University of Texas Press, 1993; **Hacia una filosofía del acto ético. De los borradores: Y otros escritos**. Trad. T. Bubnova; Coment. I. Zavala y A. Ponzio. Barcelona: Anthropos; San Juan: Universidad de Puerto Rico, 1997; **Pour une philosophie de l’acte**. Trad. G. C. Bardet; Préf. de S. Bocharov; Annotations de S. Averintsev. Lausanne: L’Age d’Homme, 2003. Ou a pesquisadores brasileiros que, em vários escritos, trabalham essa obra - Adail Sobral, Marília Amorim e Adriana Pucci P. F. e Silva.

2. BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. 4. ed. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

Bastante conhecida dos leitores, ECV é uma coletânea de onze trabalhos escritos por Bakhtin ao longo de seis décadas, reunidos e publicados na Rússia em 1979. A escolha da edição aqui destacada deve-se ao fato de Paulo Bezerra ter traduzido diretamente do russo, acrescentando quatro textos, que não constavam das edições brasileiras anteriores (1. ed. Trad. do francês, Maria Ermantina G. G. Pereira, 1992). O primeiro, **Arte e responsabilidade** (1919), está diretamente ligado às reflexões desenvolvidas em PFA. Nele Bakhtin apresenta a ideia de *um todo arquitetônico* por oposição a um *todo mecânico*, sinalizando essa diferença para a discussão a respeito de três campos – ciência, arte e vida -, que serão objeto de PFA. E introduz a questão da *responsabilidade* na arte. O segundo, “A respeito de **Problemas da obra de Dostoiévski**”, fazia parte da primeira edição do trabalho sobre Dostoiévski (1929), mas

não foi incluído na edição de 1963, renomeada **Problemas da poética de Dostoiévski**. O terceiro, “Reformulação do livro de Dostoiévski”, é um conjunto de notas datado de 1961-1962, publicado em 1976 e 1979, espécie de guia para a edição de 1963. Por ser um esboço de reformulação, como explica o tradutor, passou a integrar coerentemente, sob a rubrica “Adendo 2”, a 5. ed. revista de **Problemas da poética de Dostoiévski** (2013, p. 318-338). No quarto texto, “Conferências sobre história da literatura russa” (1920), Bakhtin comenta a obra do poeta simbolista Viatcheslav Ivánov.

Nessa coletânea se encontra o texto seguinte a **PFA**, já mencionado como um dos componentes do *projeto filosófico*, agora concretizado a partir da arte literária – **O autor e o herói [O autor e a personagem na atividade estética]**. Trata-se de um texto longo e consistente, dividido em cinco capítulos, nos quais Bakhtin, dentre outras coisas essenciais para a compreensão de sua concepção estética, vai distinguir *autor pessoa* de *autor-criador* e vai introduzir a questão do *autor-contemplador*. O *autor-criador*, diferentemente do autor empírico, só pode ser deduzido da obra como um todo, sendo considerado um constituinte do objeto estético, uma posição estético-formal, axiológica, que sustenta esteticamente a unidade do todo. As especificidades da personagem/herói, assim como sua relação com o autor, vão sendo trabalhadas e exemplificadas a partir da ideia de que o ato artístico envolve o posicionamento valorativo de um autor-criador, suas criaturas, os valores em confronto entre arte e vida.

Essencial para a compreensão de um dos momentos fundamentais da reflexão bakhtiniana sobre o ato criativo e a perspectiva estético-filosófica, **O autor e o herói [O autor e a personagem na atividade estética]** foi publicado sem a parte inicial do capítulo “O problema do autor”, conforme explicação contida nas “Notas”. A complementação, embora não em sua totalidade, como indicam reticências e colchetes, encontra-se em: BAKHTIN, M.M. **Author and Hero in Aesthetic Activity** – “Supplementary Section”. HOLQUIST, M. and LIAPUNOV, V. (eds.) **Art and Answerability. Early Philosophical Essays by M. M. Bakhtin**. Austin: University of Texas Press, 1990, p. 208-256; BAJTÍN, M.M. **Autor y héroe em la actividad estética. Hacia una filosofía del acto ético. De los borradores y otros escritos**. Trad. T. Bubnova; coment. I. Zavala e A. Ponzio. Barcelona/San Juan: Anthropos/ Universidade de Puerto Rico, 1997, p. 82-105.

Mesmo não fazendo parte de **ECV**, o estudo **O problema do conteúdo do material e da forma na atividade estética** (1923-1924), incluído em BAKHTIN, M. **Questões de literatura e de estética: A teoria do romance**, 1988, p. 13-70, deve ser

lido conjuntamente com **O autor e a personagem na atividade estética**. A coletânea **Art and Answerability. Early Philosophical Essays by M. M. Bakhtin** o inclui em “Supplement: **The Problem of Content, Material, and Form in verbal art**”, p. 257-325. A importância da leitura articulada justifica-se pelo fato de a questão do autor-criador ser aí retomada e ampliada no que diz respeito à posição axiológica, de forma a incluir o herói, seu mundo, a forma composicional e o material.

Em ECV há mais três trabalhos - **O problema do texto na linguística, na filologia e em outras ciências humanas: uma experiência filosófica, Metodologia das Ciências Humanas e Apontamentos de 1970-1971**, que estabelecem relações com a proposta filosófica-estético-filológica anterior, apontando para a transdisciplinaridade das Ciências Humanas.

O primeiro é um manuscrito inacabado, datado provavelmente de 1959-1961, em que Bakhtin explica que sua pesquisa “transcorre em campos limítrofes, isto é, nas fronteiras de todas as referidas disciplinas [linguística, filologia, crítica literária, etc.], considerando que “o texto (escrito ou oral) é o dado primário de todas essas disciplinas. [...] Onde não há texto não há objeto de pesquisa e pensamento” (p. 307). Aí se encontram reflexões a respeito de *autor, autoria, autor-criador, relações dialógicas, dialogismo, vozes, texto* concebido em diferentes planos de expressão (pintura, música, teatro), *compreensão e interpretação*, o entendedor como *o terceiro do diálogo* (“A própria compreensão integra o sistema dialógico como elemento dialógico e de certo modo lhe modifica o sentido total”, p. 332), assim como relações existentes entre *escritor e linguagem, voz criativa e vozes alheias, texto e enunciado, o dado e o criado*.

A ênfase na perspectiva interdisciplinar, dialógica, abrangendo as Ciências Humanas, aponta para uma relação com **Metodologia das Ciências Humanas**, trabalho escrito em fins dos anos 1930, começo dos anos 1940, no qual estão presentes as discussões sobre *autor, compreensão, expressão, memória, significado e sentido*, limites entre *texto e contexto*, inclusão do *ouvinte/leitor* no sistema da obra. Nesse afirma-se a ideia de que “o objeto das ciências humanas é um ser *expressivo e falante*” (p. 395) e não um objeto mudo, passivo.

Em **Apontamentos de 1970-1971** estão presentes temas como *ironia, riso, enunciado e suas fronteiras, o encontro de duas consciências no processo de interpretação e estudo do enunciado, compreensão e avaliação, elementos repetíveis e não repetíveis de um todo, a palavra do outro, diferença entre ciências humanas e naturais, a índole responsiva do sentido, a interação com a palavra do outro,*

pintor/pintura/autorretrato. E, novamente, a ideia de que *na comunicação dialógica com o objeto, este se transforma em sujeito (o outro eu)* (p. 381).

Esses três textos fragmentários, somados aos textos “filosóficos”, mostram que os trabalhos foram sendo realizados por Bakhtin entre os anos 1920 e 1970, expressando a preocupação com vários temas e confirmando a ideia de que seu projeto filosófico desemboca numa filosofia da linguagem ou numa antropologia, por meio de vários fios em relação.

ECV apresenta, ainda, três outros significativos estudos.

O romance de educação e sua importância na história do realismo, escrito entre 1936-1938. Não publicado antes da guerra, lamentavelmente o manuscrito extraviou. Os dois fragmentos, “plano e esboço relativamente concluído sobre o tempo e o espaço nas obras de Goethe”, de acordo com as “Notas”, (ECV, p. 440-446), foram recuperados dos materiais preparatórios: “Tipologia histórica do romance”; “O problema do romance de educação”; “O tempo e o espaço nas obras de Goethe”. Provavelmente esse seria um trabalho sobre Goethe tão significativo como o são os sobre Dostoiévski e Rabelais.

Os gêneros do discurso é o texto de Bakhtin que mais rendeu, e continua rendendo, trabalhos e reflexões sobre o ensino da linguagem em uso, especialmente no Brasil, incluído em documentos oficiais e em materiais didáticos. Escrito em Saransk entre 1952-1953, detalha a distinção existente entre *oração*, no plano do sistema, e *enunciado* no plano da comunicação discursiva, apresentando as características do gênero. Para uma compreensão mais ampla e coerente com o conceito de *gênero do discurso* proposto pela perspectiva dialógica, é preciso entender duas coisas.

A primeira diz respeito ao fato de que outros trabalhos de Bakhtin tratam de *gênero do discurso*. **O problema do conteúdo, do material e da forma na criação literária** apresenta um aspecto essencial à concepção do gênero que é a diferença existente entre *forma composicional* e *forma arquitetônica*; **Problemas da poética de Dostoiévski** (1963) é dedicado ao *gênero romance polifônico*, dando origem ao conceito de *polifonia*; **O discurso no romance**, produzido entre 1934-1935, inserido em **Questões de literatura e de estética - A teoria do romance** (Bakhtin, 1988, p.71-210), recoloca a questão do gênero ao discutir a ligação existente entre língua, gêneros e estilo, entendendo a linguagem na relação constitutiva entre língua unitária, regida pelas forças centrípetas, e plurilinguismo, conjunto de vozes sociais, de pontos de vista, de perspectivas axiológicas presentes nas forças descentralizadoras que imprimem vida às

várias *línguas* existentes em cada língua; **Os estudos literários hoje (resposta a uma pergunta da revista *Novi Mir*, 1970)**, no qual Bakhtin, ao falar dos estudos literários, suas tarefas, seu vínculo necessário com a história da cultura, afirma: “Ao longo de séculos de sua vida, os gêneros (da literatura e do discurso) acumulam formas de visão e assimilação de determinados aspectos do mundo”. (ECV, p.364).

Trabalhos de outros membros do Círculo contribuem para a concepção de gênero fundada na ideia de que a linguagem se materializa por meio de enunciados concretos, articulando “interior” e “exterior”, viabilizando a noção de sujeito, histórica e socialmente situado, implicando esferas de produção, circulação, recepção, história, historicidade, aspectos variáveis e invariáveis, como apontam trabalhos de Volochínov e Medviédev. Em **Marxismo e filosofia da linguagem - Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem** (Volochínov, 1929), a questão dos gêneros aparece nos capítulos “Relação entre infraestrutura e superestruturas” e “A interação verbal”. No artigo intitulado “A construção do enunciado/enunciação” (Volochínov, 1930), o autor se refere a tipos de enunciados comunicativos a que denomina *gêneros*. Medvedev, em **O método formal nos estudos literários - Uma introdução crítica a uma poética sociológica** (1928), no capítulo “Os elementos da construção artística/O problema do gênero”, contribui efetivamente para a questão, demonstrando que gênero é o conjunto dos modos de orientação coletiva dentro da realidade e concluindo que, por meio do gênero, é possível compreender novos aspectos da realidade, ou, em outras palavras, a realidade do gênero é a realidade social de sua realização no processo da comunicação, ligados de forma estreita ao pensar.

ECV ao reunir textos de diferentes épocas, com objetos diferenciados, traz muitos dos conceitos que sustentam a *arquitetônica* do pensamento bakhtiniano, assim como seu processo de construção. A partir da leitura do todo, observa-se que seria possível repensar a reunião desses trabalhos, considerando-se os eixos que os interligam, assim como elementos presentes, de forma a antecipar ou desenvolver temas e/ou conceitos tratados em outras obras. Por essa razão, o crítico, ensaísta e grande tradutor de Bakhtin, Paulo Bezerra, idealizou um projeto visando ao desmembramento de ECV em quatro volumes. O primeiro está publicado: **Mikhail Bakhtin: os gêneros do discurso** (Editora 34, 2016). Nele estão reunidos, como (re)tradução, **Os gêneros do discurso** e **O texto na linguística e nas outras ciências humanas: um experimento de análise filosófica**, e, para alegria dos estudiosos, mais dois inéditos – **Diálogo I. A questão do discurso dialógico** e **Diálogo II**, publicados pela primeira vez na Rússia em 1997. A

coerência da reunião fica explícita: fazem parte do mesmo conjunto estudos em que o objeto de reflexão incide sobre relações existentes entre os conceitos de *enunciado* (*enunciado concreto* ou mesmo *enunciação*), *texto*, *discurso*, *gênero do discurso*, *cadeia da comunicação discursiva*, *campos ou esferas da comunicação cultural*, tendo em vista a compreensão do processo vivo da comunicação humana.

Os inéditos, voltados para *diálogo*, outra grandeza essencial à reflexão teórico-filosófica bakhtiniana, são textos preparatórios de **Os gêneros do discurso**. Conforme afirmação de Bezerra no posfácio “No limiar de várias ciências”, “mesmo sendo textos preparatórios, discutem questões congêneres não contempladas nessa obra e trazem rascunhos de projetos teóricos que o mestre pretendia desenvolver, revelando sua permanente preocupação com o aprofundamento e uma maior abrangência de sua teoria do discurso em vários campos das humanidades” (p.151). A retradução e a tradução de inéditos, acontece a partir de um retorno do tradutor-pesquisador às fontes russas, aí consideradas a edição de **Estética da criação verbal** (Moscou, Iskusstvo, 1979, organização e notas de Serguei Botcharov) e o tomo 5 das **Obras reunidas** de M. M. Bakhtin, (Moscou, 1997, volume organizado por Botcharov e Liudmila Gogotichvíli).

3. BAKHTIN, M. **Questões de literatura e de estética: a teoria do romance**. Trad. Aurora F. Bernardini et al. São Paulo: HUCITEC, 1988.

Essa coletânea inclui seis estudos voltados para a teoria e a crítica literária e para a poética histórica, constituindo um expressivo conjunto para a compreensão da reflexão bakhtiniana sobre o romance, implicando o discurso e as especificidades da prosa literária, aí incluídas questões voltadas para as relações existentes entre tempo e espaço na literatura, discutidas e analisadas a partir da noção de *cronotopo*, termo emprestado da matemática e da teoria da relatividade de Einstein, que ganha significativa dimensão na construção de uma poética da prosa.

O primeiro, **O problema do conteúdo do material e da forma na atividade estética**, componente significativo do projeto de uma *arquitetônica* bakhtiniana, é um diálogo crítico com o *formalismo russo*, movimento ao qual Bakhtin denomina *estética material*. Na maioria dos trabalhos de Bakhtin, Volochínov e Medviédev, há sempre a evocação de um interlocutor, de uma voz cultural, que funciona como estratégia que permite introduzir uma nova posição em relação ao objeto de estudo. Nesse caso específico, a crítica à estética material formalista desencadeia a discussão a respeito de

uma estética geral, filosófica, que permitiria ir além do *material*, considerando a obra de arte (literária ou não) em sua constitutiva posição axiológica, ou seja, na inter-relação com valores culturais, éticos, sociais, históricos e historiográficos. Essa perspectiva implica a ideia de *arquitetônica do objeto*, de *autor-criador*, além dos demais elementos epistemológica e coerentemente propostos nas demais obras que compõem o *projeto filosófico*. Esse texto, pela via da discussão sobre o formalismo, relaciona-se também com **O método formal nos estudos literários: introdução crítica a uma poética sociológica** (1928), assinado Pável N. Medviédev.

O segundo, **O discurso no romance** (1934-1935), trata de maneira original a natureza da linguagem no romance, a capacidade desse gênero, da prosa literária, de trabalhar artisticamente o *diálogo social das linguagens*, o *plurilinguismo*, a luta entre as forças centrípetas, aquelas orientadas para a *unidade*, para a centralização verbo-ideológica, e as forças centrífugas ou descentralizadoras, as que dinamizam uma língua viva, que a constituem como múltiplas línguas em uso, como descentralização verbo-ideológica. Bakhtin discute a necessidade de uma poética da prosa, de uma *estilística sociológica ou estilística do discurso*, capaz de dar conta de discursos que revelam pontos de vista, conjunto de valores e maneiras de exprimi-los, sempre em tensão, em confronto com outros discursos e outros pontos de vista.

Já nas primeiras linhas ele afirma: “O objetivo deste trabalho é eliminar a ruptura entre o ‘formalismo’ e o ‘ideologismo’ abstratos no estudo do discurso literário. A forma e o conteúdo estão unidos no discurso, entendido como fenômeno social – social em todas as esferas da existência e em todos os seus momentos – desde a imagem sonora até os estratos semânticos mais abstratos. Esta ideia determinou a ênfase sobre a estilística do gênero” (p. 71). A especificidade do gênero romance e dos demais gêneros da prosa a ele interligados é trabalhada em cinco itens: “A estilística contemporânea e o romance”, “O discurso na poesia e o discurso no romance”, “O plurilinguismo no romance”, “A pessoa que fala no romance”; “Duas linhas estilísticas do romance europeu”. Temas, conceitos, categorias, anterior ou posteriormente presentes nas obras de Bakhtin, aí se apresentam para pensar a prosa literária e as formas de trabalhá-la, caso de: *gêneros*, *orientação dialógica do discurso*, *discurso de outrem*, *objeto e orientação para o objeto*, *discurso orientado para a resposta* e *discurso-resposta*, *dialogicidade*, *plurilinguismo no romance*, *estilização paródica*, dentre muitos outros.

O texto **Formas do tempo e do cronotopo no romance (Ensaio de poética clássica)** (1937-1938/ revisto em 1973, quando o autor acrescentou as “Observações

finais”), dá sequência à teoria bakhtiniana do romance, definindo cronotopo como “uma categoria conteudístico-formal da literatura”, “interligação fundamental das relações temporais e espaciais, artisticamente assimiladas em literatura”, de forma que “os índices do tempo transparecem no espaço, e o espaço reveste-se de sentido e é medido com o tempo” (p. 211). Essa categoria, uma das mais originais e produtivas para análise da prosa literária, será discutida em relação ao conceito de gênero e sua trajetória, à imagem do indivíduo na literatura (em diferentes tempos-espaço), à tradição literária que vai do *romance grego* ao romance de Rabelais, apresentando, nas diferentes épocas estudadas, as relações existentes entre unidade de romance e métodos de assimilação artística do tempo e do espaço, chegando a tipos de cronotopos que os caracterizam e à visão do homem que aí se imprime.

Os três últimos estudos – **Da pré-história do discurso do romance** (1940), **Epos e romance (sobre a metodologia do estudo do romance)** (1941) e **Rabelais e Gógol (Arte do discurso e cultura popular)** (1940) – aprofundam temas relacionados à análise do discurso do romance, alguns tratados em estudos anteriores e outros inéditos, tendo importantes escritores como referência. Destacam-se, entre outros conceitos: *pré-história do discurso do outro no romance*, *plurilinguismo*, *riso* e suas diferentes formas, *romance como gênero plurilíngue*, *pluriestilístico*, *plurivocal*, *romance em versos*, *paródia* e *gêneros paródicos*, comparação entre *epopeia e romance*, *romance e apropriação de formas literárias ou não*, *gênero sério-cômico*, *cultura cômica popular*, *carnavalização*. O artigo “Rabelais e Gógol (Arte do discurso e cultura popular)” é um fragmento da tese de Bakhtin **Rabelais e a história do realismo**, não incluído em **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais** (1965).

Essa excelente coletânea deve ser lida em diálogo com outras duas obras em que as questões sinalizadas para a concepção do gênero romance, de uma poética da prosa literária, de uma metodologia de seu estudo, são mobilizadas: **Problemas da poética de Dostoiévski** (1963) e **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais** (1965). A assimilação das concepções vai depender da leitura dos escritores que inspiraram Bakhtin na construção de sua teoria/análise do discurso. Se assim não for, os conceitos serão meros instrumentos de aplicação, desintegrando os objetivos, a gênese e os processos de construção da perspectiva dialógica, que vem do corpus *artístico* em direção à teoria. E não vice-versa.

Também essa coletânea está sendo desmembrada em três volumes, sob o título **Teoria do romance**, a partir da edição russa organizada por Serguei Botcharov e Vadim Kójinov. O primeiro já está publicado: **Teoria do romance I: A estilística**. Tradução, Prefácio, Notas e Glossário de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2015.

4. BAKHTIN, M. **Problemas da poética de Dostoiévski**. 4. ed. revista e ampliada. Trad., Notas e Prefácio de Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

Trata-se de um valioso estudo voltado para as especificidades do conjunto da obra de Dostoiévski, sendo conhecido tanto pelos estudiosos da literatura quanto por analistas do discurso. Nessa obra, Bakhtin expõe a necessidade de criar-se uma nova disciplina (ou conjunto de disciplinas), com metodologia própria que, ao lado da Linguística, teria como objeto o *discurso*, a *s relações dialógicas*. Denominada *Metalinguística*, essa disciplina antecipa as atuais Análises do Discurso.

Essa obra conheceu duas edições. A primeira, **Problemas da obra de Dostoiévski** (1929) encontra-se, na íntegra, em **Obras Reunidas** (Moscó: Ed. Russkie Slovare, 1996. vol. 5). A segunda, **Problemas da poética de Dostoiévski** (1963), foi corrigida, modificada, ampliada. Em 1961/1962, conforme se constata em “Reformulação sobre o livro de Dostoiévski”, Bakhtin revisou o texto de 1929, descartando e incluindo partes. Menciona, por exemplo, a necessidade de modificar o capítulo sobre o enredo em Dostoiévski, destacando: *sátira menipeia, concepção do espaço e da praça, festa, jogo, conflito, posição do autor e do terceiro no diálogo, relações dialógicas, ideia de fronteira, de limiar de consciências, papel do capitalismo na criação da consciência solitária, ampliação do conceito de consciência e sua natureza dialógica, vozes, ideologia*, entre muitos outros. A polifonia aparece como centro da análise, com o objetivo de mostrar o nascimento de um novo gênero, sua linguagem, seu de estilo: o *romance polifônico*.

Na edição de 1963, Bakhtin explicita, desde a “Introdução”, seu propósito de tratar a forma artística inovadora representada por Dostoiévski, ou seja, o pensamento artístico de tipo *polifônico*, cuja “importância ultrapassa os limites da criação romanesca e abrange alguns princípios básicos da estética europeia. Pode-se dizer que Dostoiévski criou uma espécie de novo modelo do mundo [...]” (p. 1). O primeiro capítulo, “O romance polifônico de Dostoiévski e seu enfoque na crítica literária” é dedicado a

trabalhos sobre o autor de **Crime e castigo**, formando um excelente panorama crítico que vai indicando o que será diferente na leitura bakhtiniana.

“A personagem e seu enfoque pelo autor na obra de Dostoiévski”, segundo capítulo, discute a relação autor/personagem, tema caro a Bakhtin ao longo de toda sua obra, trabalhada na produção de Dostoiévski, com destaque para a personagem/herói, a questão da consciência e da autoconsciência. A análise está centrada em três eixos: na “relativa liberdade e independência da personagem e de sua voz no plano polifônico, na colocação especial das ideias neste e, por último, nos novos princípios de conexão, que formam o todo do romance” (p. 52). Bakhtin mostra que o tratamento dialógico recebido pelo herói/personagem revela um novo autor, cuja palavra está dialogicamente orientada para o herói. O autor não fala do herói, mas com o herói. É *palavra sobre alguém presente*, que escuta e responde, que participa como agente do discurso e não como simples objeto do mundo do autor. Aí se encontra um primeiro esboço de *polifonia* enquanto método artístico, que se diferencia por apresentar *vozes* em *diálogo*, distanciando-se do relativismo (só os heróis teriam a palavra) e do dogmatismo (o autor seria dono da palavra do herói).

“A ideia em Dostoiévski”, terceiro capítulo, aprofunda a questão do herói dostoiévskiano, demonstrando que ele “não é apenas um discurso sobre si mesmo e sobre seu ambiente imediato, mas também um discurso sobre o mundo: ele não é apenas um ser consciente, é um ideólogo” (p.87). Segundo Bakhtin, Dostoiévski transformou a ideia em objeto de representação artística, tendo no *homem de ideias* o seu herói, compreendendo a natureza dialógica do pensamento humano e da ideia, esta concebida como “*acontecimento vivo*, que irrompe no ponto de contato dialogado entre duas consciências. [...] Como o discurso, a ideia é por natureza dialógica” (p. 98).

“Peculiaridades do gênero, do enredo e da composição das obras de Dostoiévski”, capítulo que não fazia parte da edição de 1929, traz considerações sobre o gênero do discurso, válidas tanto para os literários, como para qualquer outro: “O gênero sempre é e não é o mesmo, sempre é novo e velho ao mesmo tempo. O gênero renasce e se renova em cada nova etapa do desenvolvimento da literatura e em cada obra individual de um dado gênero. [...] O gênero vive do presente mas sempre *recorda* o seu passado, o seu começo” (p.121). Bakhtin apresenta a tradição em que o gênero *romance polifônico* pode ser inserido, interligado ao folclore carnavalesco, à cosmovisão carnavalesca, ao cômico-sério, à carnavalização e, em especial, à variedade *dialógica* que conduz à obra de Dostoiévski: o *diálogo socrático* e a *sátira menipeia*.

Carnaval e carnavalização, conceitos que serão desenvolvidos também nos estudos sobre Rabelais, estão bastante detalhados nesse capítulo de **PPD**. Também a *paródia* e o *duplo* merecem atenção, na medida em que são fundamentais para a caracterização da *polifonia*. Esse capítulo reafirma a ideia de que Dostoiévski se insere numa tradição que prepara o *gênero romance polifônico*. Nela se incluem, juntamente com o *diálogo socrático* e a *sátira menipeia*, Shakespeare, Cervantes, Voltaire, Diderot, Balzac, Victor Hugo, cabendo a Dostoiévski a criação da autêntica narrativa polifônica.

O último capítulo, “O discurso em Dostoiévski”, tem significado especial para os estudos do discurso. Organizado em quatro itens - “Tipos de discurso em Dostoiévski”, “O discurso monológico do herói e o discurso narrativo nas novelas de Dostoiévski”, “O discurso do herói e o discurso do narrador nos romances de Dostoiévski”, “Diálogo em Dostoiévski”-, oferece, antes de detalhar especificidades do discurso de Dostoiévski, *Algumas observações metodológicas prévias*, momento em que Bakhtin se assume como filósofo da linguagem e propõe a *Metalinguística*. Esse capítulo faz parte de uma *rede* de escritos publicados na década de 1920 ou, ainda, descobertos a partir de notas de arquivo que vieram a público bem mais tarde. Dentre esses textos destacam-se: **O discurso na vida e o discurso na poesia** (1926) e **Marxismo e filosofia da linguagem. Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem** (1929), assinados Voloshinov, que iniciam os estudos enunciativo-discursivos, oferecendo uma nova forma de conceber a linguagem.

É também nesse longo e minucioso capítulo, revelador das especificidades da *polifonia* de Dostoiévski, que aparece a noção de *alteridade constitutiva* (quer do sujeito, quer da linguagem). Tomando as *relações dialógicas* como objeto de estudo, o autor realiza um detalhado *exame do discurso do ponto de vista de suas relações com o discurso do outro* e apresenta as formas de presença do *outro* no discurso. Desse exame surge o *discurso bivocal*, objeto de suas reflexões, e uma classificação dos diversos tipos de bivocalidade: *estilização, paródia, skaz, diálogo, polêmica velada e aberta, discurso polêmico interno, dialogismo velado, réplica*.

O conceito de *polifonia* surge, portanto, a partir do conjunto da obra de Dostoiévski, da leitura analítica de cada texto. É esse contato que leva Bakhtin à concepção do *gênero romance polifônico* e das peças que formam sua arquitetura. Sem as leituras dos textos de Dostoiévski, sem o prazeroso embate com cada uma das narrativas, o leitor de **PPD** perderá muito da construção teórica e da forma como Bakhtin junta e puxa os fios para estabelecer a relação indissolúvel entre vida,

linguagem, arte. Para uma aproximação primeira dos conceitos de *outro*, *vozes*, *identidade/alteridade*, o que poderia acontecer com a leitura de qualquer texto do criador de *O homem do subsolo*, talvez uma narrativa pudesse ser eleita: **O duplo**. Trad., posfácio e notas de Paulo Bezerra; desenhos de Alfred Kubin. São Paulo: Editora 34, 2011. Ao desfrutar da reflexão intelectual e das emoções proporcionadas por Dostoiévski, o leitor poderá ater-se à magnífica e dolorosa cena da ponte, momento em que o herói Goliádkin se defronta com seu *outro*. Trata-se de uma magnífica imagem do conceito de *outro*, de *polifonia*, de *alteridade*, de *dialogismo*, expondo, via Dostoiévski, a essência do pensamento bakhtiniano.

5. BAKHTIN, M. C. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: O contexto de François Rabelais**. Trad. Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec; Brasília: Ed. da Universidade de Brasília, 1987.

Escrita na década de 1940 e publicada em 1965, essa obra tornou-se referência a todos que se dedicam à história do riso e à cultura popular, tanto nos estudos literários como em outras áreas do conhecimento. Para compreender as razões do alcance desse trabalho de Bakhtin, é necessário, antes, ler o *objeto de estudo*: François Rabelais (1490-1553) e seus divertidíssimos **Gargântua e Pantagruel** (no original francês ou em edições em língua portuguesa). O humor radical, o grotesco, o escatológico, que saltam aos olhos, expõem imagens fortes e originais, conferindo concretude ao que Bakhtin afirma sobre Rabelais, na comparação com escritores do porte de Dante, Boccaccio, Shakespeare e Cervantes: “sua principal qualidade é de estar ligado mais profunda e estreitamente que os outros às fontes *populares* [...] essas fontes determinam o conjunto de seu sistema de imagens, assim como sua concepção artística” (p. 2).

Com esse pressuposto, Bakhtin discute, na “Introdução: Apresentação do problema”, a cultura cômica popular na Idade Média e no Renascimento, com ênfase para o *riso popular e suas formas* em oposição à cultura oficial, “ao tom sério, religioso e feudal da época”, subdividindo-a três grandes categorias inter-relacionadas: (1) *As formas dos ritos e espetáculos*; (2) *Obras cômicas verbais* (inclusive as paródicas) de diversa natureza; (3) *Diversas formas e gêneros do vocabulário familiar e grosseiro*. A questão do carnaval, do corpo, da máscara, do grotesco e suas imagens, dentre outros aspectos do *riso*, aparecem discutidos, desde a Idade Média até o século XX. O objetivo é “revelar a unidade, o sentido, a natureza ideológica profunda dessa cultura, isto é, o seu valor como concepção de mundo e o seu valor estético” (p. 50), a partir da obra de

Rabelais e suas fontes, “onde foi recolhida essa cultura, onde ela é concentrada e interpretada literariamente, na etapa superior do Renascimento” (p. 50).

Ao longo dos sete capítulos, os temas apresentados na “Introdução” são retomados e aprofundados, de forma a contextualizar Rabelais, recuperar uma história do riso e nela inserir esse autor, analisar as formas assumidas pelo vocabulário da praça pública, pelas imagens da festa popular e pelo banquete, assim como as imagens grotescas do corpo, o “baixo” material e corporal e a relação entre as imagens aí presentes e o tempo do criador de **Gargântua** e **Pantagruel**. Esse estudo oferece as chaves para entender *carneval*, *carnevalização*, *corpo*, *cosmovisão carnavalesca*, *destronamento*, *festa popular* e *praça pública*, *confronto entre mundo oficial e extraoficial*, *outro cômico*, *paródia*, *polifonia*, *realismo grotesco* e *riso*. Segundo Bakhtin, Rabelais “[...] une nas suas imagens a extraordinária extensão e profundidade do universalismo popular a uma individualidade, no sentido dos detalhes, do concreto, da vida, a uma atualidade levada ao extremo [...] Por trás das mais fantásticas imagens desenham-se acontecimentos reais, figuram pessoas vivas” (p. 385).

Muitos trabalhos críticos debruçam-se sobre esse estudo. Dentre eles, AVERINTSEV, S.S.; MAKHLIN, V. L.; RYKLIN, M. y BUBNOVA, T. (eds.). **En torno a la cultura popular de la risa: nuevos fragmentos de M. M. Bajtín (“Adiciones y câmbios a Rabelais”)**. Rubí (Barcelona): Anthropos Editorial; México: Fundación Cultural Eduardo Cohen, 2000, oferece quatro consistentes ensaios sobre a cultura popular do riso e mais novos fragmentos dos cadernos de trabalho de Bakhtin (1944) relacionados à cultura popular do riso e ao carnaval.

6. BAKHTIN, M. **Questões de estilística no ensino da língua**. Org. e notas da edição russa Serguei Botcharov e Liudmila Gogotichvíli. Trad., Posfácio e Notas Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2013.

O texto que motiva essa edição surpreende em muitos sentidos, aí incluída sua atualidade. Se os trabalhos anteriores revelam um pensador original, esse mostra Bakhtin como *professor* atento e cuidadoso, empenhado em ensinar língua, na verdade gramática, tocando em problemas presentes nas salas de aula até hoje. O *professor* tem uma proposta para ajudar os colegas de profissão a chegar aos alunos e torná-los *autores*: uma metodologia de ensino que relaciona gramática e estilística, articulando leitura, escrita, produção de sentidos e autoria. Ele mesmo, para promover um conhecimento ativo da língua em uso, observa e registra durante suas aulas o

comportamento linguístico dos alunos, material que utiliza para preparar seus cursos. Produzido entre 1942 e 1945, período em que Bakhtin lecionava em duas escolas, esse texto foi recuperado de arquivos, como informam os organizadores da edição russa, constituindo uma *sequência didática comentada*, que tem como núcleo uma questão gramatical: o período composto por subordinação sem conjunção. Trabalhada estilisticamente e em interação professor/aluno, a proposta explícita de que forma as variantes nas escolhas de cada falante/escrevente constroem sentidos diferenciados, enunciando pontos de vista, criando efeitos de sentido, efetivando autoria.

A edição brasileira, além de um esclarecedor estudo das tradutoras, intitulado “Bakhtin, Vinagrádov e a estilística”, e das pertinentes notas dos editores russos e das tradutoras, inclui “Sobre o texto de Bakhtin”, de Liudmila Gogotichvíli (com a colaboração de S. Savtchuk), com relevantes informações sobre os manuscritos e comentários que relacionam esse texto de Bakhtin com a perspectiva dialógica.

7. Mikhail Bakhtin em diálogo: Conversas de 1973 com Viktor Duvakin. Tradução do italiano: Daniela M. Mondardo. São Carlos: Pedro & João, 2008.

Nessa obra estão reunidas seis conversas, acontecidas entre Bakhtin e Viktor Duvakin, estudioso de literatura da Universidade de Moscou. Além dos saborosos diálogos, com direito a Bakhtin recitando V. Ivanov, Goethe em alemão, Baudelaire em francês, há o prefácio, “O símbolo e o encontro com o outro”, de Augusto Ponzio, e esclarecedoras “Notas”, referentes a cada conversa. Trata-se de documento de grande interesse para *escutar* o pensador russo.

Textos Assinados Valentín N. Volochínov (M. Bakhtin)

1. BAKHTIN, M. **O freudismo: um esboço crítico.** Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Perspectiva, 2001.

Em 1925 Voloshinov havia publicado “Po tu storonou social’nogotsilnovo” [À margem do social: ensaio sobre o freudismo], presente na edição francesa. Trata-se de uma resenha crítica da teoria freudiana, que antecipa e prepara o livro de 1927 **O freudismo: um esboço crítico**. Essa obra, que na edição brasileira, assim como na francesa, traz somente o nome de M. Bakhtin, em russo, espanhol e em língua inglesa a assinatura é de Valentin N. Voloshinov.

Nesse estudo, a interlocução polêmica se dá com Freud e a psicanálise. No efervescente contexto intelectual da União Soviética, compreendido entre a Revolução de Outubro de 1917 e os expurgos estalinistas, uma das acirradas disputas caracterizava-se pela busca de uma “psicologia marxista” e seus fundamentos básicos. Certamente é esse um dos objetivos dessa obra: a defesa de *uma psicologia que abordasse a especificidade cultural e histórica da consciência humana*, baseando-se em métodos objetivos. O estudo inicia-se com um excelente panorama, “O freudismo e as correntes atuais do pensamento em filosofia e psicologia”, dividido em “O motivo ideológico central do freudismo” e “Duas tendências da psicologia atual”, situando o problema e o contexto russo. Em seguida, uma detalhada “Exposição do freudismo” apresenta e discute aspectos da psicanálise freudiana, surpreendendo o leitor com a familiaridade do Círculo, em 1927, com o criador da psicanálise, seu método e seu alcance. Para finalizar, “Crítica ao freudismo” considera esse ramo do conhecimento como *variedade da psicologia subjetivista*, discutindo *os métodos de estudo do conteúdo da consciência*, detalhando pontos de vista que incluem *o conteúdo da consciência como ideologia, a ideologia do cotidiano e suas diferentes camadas*, a crítica à *completa sexualização da família*, acrescentando um item final intitulado “Crítica às apologias marxistas do freudismo”, o que mostra que nem todo marxista estava contra a psicanálise.

Nas edições em língua inglesa e espanhola, **O freudismo: um esboço crítico** traz um importante texto assinado Voloshinov: **Discurso na vida e o discurso na arte: sobre poética sociológica** (1926). Com traduções para o italiano, o alemão e o grego, ficou conhecido por ser um dos anexos publicados por Tzvetan Todorov em **Mikhail Bakhtin. Le principe dialogique. Suivi de Écrits du cercle de Bakhtine** (Paris: Editions du Seuil, 1981, p. 181-216). No Brasil, foi traduzido, com finalidade didática, por Carlos Alberto Faraco e Cristovão Tezza, nos anos 1980, a partir de “Discourse in life and discourse in art – concerning sociological poetics” (I. R. Titunik, 1976). Embora haja uma tradução recente publicada, a de Faraco e Tezza continua sendo amplamente utilizada (via internet) e citada em inúmeros trabalhos acadêmicos. De grande interesse para a compreensão da perspectiva dialógica do Círculo, oferece uma primeira exposição da teoria do enunciado/enunciação na comunicação cotidiana. Com vistas a um enfoque sociológico, baseado na situação comunicativa concreta, na interação *falante, ouvinte, herói*, o estudo relaciona dimensão verbal e extraverbal, situação e contexto mais amplo, tom valorativo social ou *entonação*, dialogando com **Arte e**

responsabilidade, O problema do conteúdo do material e da forma na atividade estética, O autor e a personagem na atividade estética.

2. BAKHTIN, M. (VOLOCHÍNOV, V. N.). **Marxismo e filosofia da linguagem. Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem.** Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 4. ed. São Paulo: Hucitec, 1997. [1. Ed. 1979]

Ainda nos anos 20 do século passado, mais uma obra do Círculo chegava ao público: **Marxismo e filosofia da linguagem. Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**, cuja assinatura varia, dependendo da tradução: Bakhtin (Voloshinov/Volochínov), na edição brasileira, Bakhtine (Volochinov), na edição francesa (1977), Voloshinov, na edição em língua espanhola (1992), Vološinov na edição americana (1973) e na francesa bilíngue, russo-francês, de 2010.

Esse estudo é um dos mais conhecidos e de reconhecida interferência nos estudos linguísticos, na mesma medida que **Problemas da poética de Dostoiévski** nos estudos literários. Nele a concepção dialógica de linguagem se desenvolve tendo a linguística estrutural e a estilística clássica como principais interlocutores teóricos polemicamente instaurados. O objetivo é propor um método sociológico para as ciências da linguagem ou ao menos “esboçar as *orientações de base* que uma reflexão aprofundada sobre a linguagem deveria seguir e os *procedimentos metodológicos* a partir dos quais essa reflexão deve estabelecer-se para abordar os problemas concretos da linguística” (p. 25). A obra divide-se em três partes: a primeira apresenta os fundamentos para a compreensão das posições filosóficas do autor, aí incluída a discussão sobre *o lugar dos problemas da filosofia da linguagem dentro do conjunto da visão marxista de mundo*, com consequências para a compreensão de *signo ideológico, palavra, consciência, horizonte social, índices de valor*, etc.; a segunda apresenta o problema da natureza real dos fenômenos linguísticos, discutindo questões como *evolução da língua, interação verbal, compreensão, significação, sistemas ideológicos constituídos e ideologia do cotidiano, interação concreta e situação extralinguística*; a terceira oferece uma *prova* da produtividade do método proposto, a partir de um estudo concreto da sintaxe, de uma perspectiva enunciativa, por meio de uma detalhada apresentação das *formas de transmissão do discurso de outrem*.

Em geral, os leitores vão diretamente à segunda parte, momento em que a relação língua/fala/enunciação é explicitada, assim como *interação verbal, interação discursiva, tema e significação e apreciação ativa*. Sem os fundamentos apresentados

na primeira parte, que possibilitam a compreensão de que o marxismo ortodoxo está sendo contestado, e sem a exemplificação presente na terceira parte, quando a questão da transmissão do discurso alheio é apresentada de maneira original, perde-se muito da perspectiva dialógica contida em **MFL**. Traduzida do francês, **MFL** faz história há trinta e cinco anos. Ainda em 2016 a Editora 34 lançará uma edição traduzida diretamente do russo por Sheila Grillo e Ekaterina V. Américo. A retradução deve-se às pesquisas de arquivo. Ver: VOLOŠINOV, V. N. **Marxisme et philosophie du langage: les problèmes fondamentaux de la méthode sociologique dans la science du langage**. Nouvelle édition bilingue traduite du russe par P. Sériot et I. Tytkowski-Ageeva. Limoges: Lambert-Lucas, 2010.

A leitura de **MFL** deve ser completada com artigos que o autor escreveu entre 1925 e 1930. Em português, oito estão reunidos em VOLOCHÍNOV, V. N. (Do Círculo). **A construção da enunciação e outros ensaios**. Org., Trad. e Notas: João Wandelely Geraldi. São Carlos: Pedro & João, 2013.

Texto Assinado Pável N. Medviédev

MEDVIÉDEV, P. N. (Círculo de Bakhtin). **O método formal nos estudos literários: introdução crítica a uma poética sociológica**. Trad. Sheila Camargo Grillo e Ekaterina Vólkova Américo, a partir do russo. São Paulo: Contexto, 2012.

Essa obra, publicada em 1928, é mais um dos significativos resultados da intensa convivência intelectual Bakhtin/Voloshinov/Medvedev nos anos 1920, revelando o interesse, dos três, pela linguagem, sempre integrada ao social, à história, a diferentes ramos do conhecimento. Aqui, o interlocutor polemicamente instaurado é o *formalismo russo*, principalmente no que se refere à defesa do caráter não social da obra artística feita por seus representantes. Assim como outras obras instauram o estruturalismo, a estilística, o freudismo, a psicologia, o marxismo ortodoxo, na busca de reflexões inovadoras e diferenciadas sobre a linguagem, esse estudo encarrega-se da questão literária, seus métodos e, em especial, da necessidade de uma perspectiva sociológica. Para enfrentar essa questão e introduzir criticamente uma poética sociológica, o autor divide a obra em quatro partes - “Objeto e tarefas dos estudos literários”, “Uma contribuição à história do método formal”, “O método formal na poética”, “O método formal na história da literatura”-, discutindo a necessidade de uma ciência marxista das ideologias, em oposição à filosofia da cultura idealista e ao positivismo, concentrando-se num domínio ideológico específico que é a “Ciência da Literatura”. Trata-se de um

excelente trabalho para conhecer o formalismo e, ao mesmo tempo, as possibilidades de uma *poética sociológica*, integrando à perspectiva dialógica. Há uma edição crítica: MEDVEDEV, P. Cercle de Bakhtine. **La methode formelle en littérature: introduction à une poétique sociologique**. Éd. critique et trad. B. Vauthier et R. Comtet. Posf. Youri Medvedev. Toulouse: Presses Universitaires du Mirail, 2008.

Sugestões de consulta

AMORIM, M. *O pensador e seu outro: Bakhtin nas Ciências Humanas*. São Paulo: Musa Editora, 2001.

ARÁN, Pampa Olga (dir. y coord.). *Nuevo diccionario de la teoria de Mijaíl Bajtín*. Córdoba: Ferreyra Editor, 2006.

Bakhtiniana. Revista de Estudos do Discurso <http://www.scielo.org/php/index.php>

BRAIT, B. (org.) *Bakhtin, dialogismo e construção do sentido*. 2. ed. Campinas, Editora da Unicamp, 2013.

_____. *Bakhtin: conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2006.

_____. *Bakhtin: outros conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2007.

_____. *Bakhtin e o Círculo*. São Paulo: Contexto, 2009.

_____. *Bakhtin, dialogismo e polifonia*. São Paulo: Contexto, 2009.

CLARK, K.; HOLQUIST, M. *Mikhail Bakhtin*. Trad. J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 1998.

EMERSON, C. *Os cem primeiros anos de Mikhail Bakhtin*. Trad. Pedro Jorgensen Jr. Rio de Janeiro: DIFEL, 2003.

FARACO, C. A. *Linguagem e diálogo: as ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin*. 2. ed. São Paulo: Parábola, 2009.

FARACO, C. A.; TEZZA, C.; CASTRO, G. de. (orgs.). *Diálogos com Bakhtin*. 4. ed. Curitiba: Editora UFPR, 2007.

_____. *Vinte ensaios sobre Mikhail Bakhtin*. Rio de Janeiro: Vozes, 2006.

MACHADO, I. *O romance e a voz: a prosaica dialógica de Mikhail Bakhtin*. Rio de Janeiro: Imago; São Paulo: FAPESP, 1995.

MORSON, G. S.; EMERSON, C. *Mikhail Bakhtin: criação de uma prosaística*. Trad. Antonio de P. Danesi. São Paulo: EDUSP, 2008.

PONZIO, A. *A revolução bakhtiniana: o pensamento de Bakhtin e a ideologia contemporânea*. Trad. coordenada por Valdemir Miotello. São Paulo: Contexto, 2008.

SCHNAIDERMAN, B. *Turbilhão e semente: ensaios sobre Dostoiévski e Bakhtin*. São Paulo: Duas Cidades, 1983.

SOUZA, G. T. *Introdução à teoria do enunciado concreto do círculo de Bakhtin/Volochinov/Medvedev*. 2. ed. São Paulo: Humanitas, 2002.

TEZZA, C. *Entre a prosa e a poesia: Bakhtin e o formalismo russo*. Rio de Janeiro, 2003.